



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JULIANA BATISTA DOS SANTOS

**OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS LEITURAS EM TORNO DA
PEÇA “SIMPLESMENTE EU”, DE BETH GOULART: sob a
contribuição da Análise de Discurso**

CAMPINA GRANDE – PB
2012



JULIANA BATISTA DOS SANTOS

**OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS LEITURAS EM TORNO DA
PEÇA “SIMPLEMENTE EU”, DE BETH GOULART: sob a
contribuição da Análise de Discurso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras Habilitação Língua Portuguesa.

Orientadora: Maria de Lourdes da Silva Leandro.



CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237e

Santos, Juliana Batista dos.

Os efeitos de sentidos nas leituras em torno da peça /"Simplesmente eu"/ , de Beth Goulart [manuscrito]: sob a contribuição da análise de discurso. / Juliana Batista dos Santos. – 2012.

35 f: il: color.

Digitado.

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Letras com Habilitação em Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação - CEDUC, 2012.

“Orientação: Profª. Drª Maria de Lourdes da Silva Leandro, Departamento de Letras e Artes”.

1. Análise do discurso. 2. Sujeito discursivo. 3. Posição-sujeito. 4. Prática da leitura. I. Título.

21. ed. CDD 801.95



JULIANA BATISTA DOS SANTOS

**OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS LEITURAS EM TORNO DA
PEÇA “SIMPLESMENTE EU”, DE BETH GOULART: sob a
contribuição da Análise de Discurso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado(a) em Letras Língua
Portuguesa.

Aprovada em 27 / 06 /2012.

Maria de Lourdes da Silva Leandro

Profª Drª Mª de Lourdes da Silva Leandro / UEPB
Orientadora

NOTA: 10,0

Simone Dália de Gusmão Aranha

Profª Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha / UEPB
Examinadora

NOTA: 9,0

Cleá Gurjão Carneiro

Profª Ms. Cleá Gurjão Carneiro / UEPB
Examinadora

NOTA: 9,0



(Word Reader - Unregistered) www.word-reader.com

DEDICATÓRIA



Ao nosso Pai celeste, o Deus da vida, pelo amor, benção e proteção, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Amasile C. Lisboa da Costa Sousa, coordenadora do Curso de Letras, por seu empenho.

À professora Dr^a M^a de Lourdes da Silva Leandro pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Severino Cícero dos Santos, a minha mãe Helena Batista dos Santos, as minhas irmãs Eloiza Helena, Tereza Helena, Janaína Vitória, e o meu irmão Valdecir Batista, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Os meus avós Maria dos Santos Leal, e Pedro Batista da Silva (*in memoriam*) embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, Rosângela Maria S. de Queiroz, Marta Anaísa B. Ramos, Tereza Neuma de Farias Campina, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates.

Aos funcionários da UEPB, Dillane de Araújo e Edilene Menezes, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

Esta monografia traz para a discussão questões voltada para a prática da leitura, evidenciando a relação entre sujeito, texto e sentido, considerando outros modos de ler o texto, a partir da contribuição da teoria da Análise de Discurso (AD) francesa. Para tanto, o *corpus* selecionado é constituído de três artigos de opinião em torno de uma peça de teatro “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, encenada por Beth Goulart. Assim, buscamos identificar os movimentos do sujeito discursivo e a posição-sujeito que assume por se inserir em uma formação discursiva: o discurso que o enunciador constrói para valorizar a arte; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco. Portanto, a materialidade discursiva se constitui sob o olhar de cada sujeito a partir da simbiose – a poeta e a atriz – evidenciando cada dizer situado através das relações sociodiscursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sentido. Posição-sujeito.

ABSTRACT

This monograph brings to the discussion questions related to the practice of reading, showing the relationship between subject, text and meaning, considering other ways of reading, the a text, based on the theory of French discourse analysis (DA). Therefore, the selected *corpus* consists of three opinion articles around a play "Just me, Clarice Lispector," staged by Beth Goulart. Thus, we sought to identify the movements of the subject of discourse and subject position that assumes that by entering into a discursive formation: the speech that the speaker builds to enhance the art, the look of the speaker in relation to the writer Clarice Lispector, the relationship between writer and actress on stage. Therefore, the discursive materiality is constituted under the eye of each subject from the symbiosis - the poet and actress - showing each recite through social discursive relationships.

KEYWORDS: Speech. Sense. Subject position.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 SUBSÍDIOS TEÓRICOS.....	10
1.1 Linguagem e o discurso.....	10
1.2 Interdiscurso.....	12
1.3 Formação discursiva e formação ideológica.....	14
1.4 Sujeito discursivo.....	18
1.5 Sujetividade – heterogeneidade.....	19
1.6 Posições-sujeito.....	20
1.7 Gênero discursivo.....	22
2 METODOLOGIA.....	24
3 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

A leitura de textos na sociedade e na escola é realizada, quase sempre, a partir de uma leitura e interpretação superficial, tal como, é adotada muitas vezes no método tradicional das aulas de Língua Portuguesa.

Com o desenvolvimento das pesquisas em Linguística e, recentemente, no campo da teoria do discurso, têm-se questionado as orientações do ensino para a formação de leitores, considerando-se, principalmente, a interpretação que se propõe para a leitura de textos. As relações sociais, hoje, cada vez mais complexas exigem do leitor outros modos de acesso à leitura dos textos, as estratégias estritamente linguísticas não dão conta da real função da leitura e do lugar do leitor de hoje. No campo teórico do discurso, considera-se essencialmente o lugar do sujeito na produção de sentidos seja na recepção seja na produção, perspectiva que questiona a orientação tradicional que a escola propõe para a leitura dos textos.

Nesse contexto, trazemos como proposta a seguinte problemática: como se constroem as posições de sujeito em textos opinativos acerca da peça “Simplesmente Eu,” de Beth Goulart, considerando as condições de produção dos textos, como a relação sociodiscursiva entre eles, o lugar social onde circulam na sociedade entre as condições que interpelam as posições-sujeitos?

Temos como objetivo geral, fornecer subsídios para a discussão acerca da prática de leitura, evidenciando outros modos de ler que põe em questão o lugar do sujeito nas abordagens sobre o que é ler, tradicionalmente, cultivada, considerando-se a importância desse lugar nos modos de ser sujeito letrado na sociedade atual.

Nesse sentido, os subsídios teóricos, apresentados para o trabalho, fundamentam-se na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, que trabalha a questão das posições-sujeito no discurso, da memória discursiva constituída do saber discursivo e da retomada na forma do pré-construído, ou seja, tudo que já foi dito que está na base do discurso, sustentando a retomada da palavra.

Por se tratar da análise de discurso aplicada a gênero jornalístico, não analisamos a linguagem e o gênero poético de Lispector, pois não pretendemos estudar a peça em si, mas damos ênfase à materialidade discursiva de gêneros opinativos, cujos autores constroem um modo de ver/de ler.



É nesse jogo de relações que a teoria da AD explica como cada enunciado tem o seu lugar e como se estrutura, a partir das estratégias que o engendram, materializados nos enunciados, procuramos compreender o olhar de cada sujeito sobre a simbiose – a poeta e a atriz – que se evidencia no dizer situado e determinado por condições sócio-históricas. Ou seja, de forma específica, analisamos o discurso que o enunciador constrói em relação a uma arte teatral; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco.

A partir do levantamento de informações explícitas e implícitas aos textos, identificando a formação discursiva em que cada sujeito se inscreve constituído por meio da linguagem e sua representatividade no contexto social. Nele, surgem as questões de caráter ideológico, envolvendo temas universais presentes nos textos escolhidos, por exemplo, o entendimento do amor, a existência de Deus etc. No entanto, não tratamos dessas questões, porque o enfoque consiste na posição-sujeito a partir de textos.

É com base nesse contexto teórico-analítico que trazemos como *corpus*, textos opinativos de autores distintos: “No palco com Clarice,” de Paulo Gadelha; “No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens,” de Lucas Neves; e o texto “Simplesmente eu, Clarice Lispector,” de Maurício Alcântara. São gêneros da esfera jornalística que circulam em suportes sociais: o jornal impresso, o jornal online, e a revista eletrônica. Nesse *corpus*, temos como objetivo específico analisar a construção do sujeito discursivo desses textos, considerando o lugar social no qual se produz o discurso acerca da peça.

Pretendemos ainda, verificar como se constroem a memória discursiva e os aspectos discursivos implícitos na materialidade dos textos, apoiando-se no interdiscurso. Nesse sentido, a fundamentação teórica deste trabalho se sustenta em Brandão (1991), Orlandi (2005), Mussalim (2006), Fernandes (2007), Dantas (2007), entre outros.

Neste trabalho, fica registrada uma abordagem para o estudo de leitura, considerando os *corpus* como textos opinativos, direcionado ao trabalho para a interpretação de textos. Portanto, pretendemos oferecer uma instrução ao profissional responsável pela formação de leitores, o professor de língua, a redescobrir novas estratégias de leitura baseada, por exemplo, na análise discursiva, através de textos que circulam na sociedade.

SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Linguagem e o discurso

A linguagem para a Análise de Discurso é interação discursiva, e se constitui como produção social dos sentidos. Sob essa perspectiva, a língua na AD não é trabalhada como sistema abstrato, mas se constitui na produção da linguagem pelo homem, conforme sua influência na história. É na linguagem que se instaura o discurso e se constrói a partir do sentido dado às palavras no tempo e no espaço. Assim, o discurso é objeto sócio-histórico, e concebe a linguagem materializada na ideologia que se reflete na língua. De acordo com Orlandi (2007, p. 15):

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

O discurso está sujeito às mudanças, porque os fatores sociais e a história sofrem alterações no campo ideológico, religioso e cultural, uma vez que todos os aspectos em que há presença humana estão sujeitos à constante transformação.

Por isso, o mesmo discurso pode ser analisado sob perspectivas diferentes, e apresentar entendimentos diversos a partir do local ou modo como se pronuncia algo, como se diz, quem diz o quê, em que tempo ou espaço. Assim, tomando como base Brandão (2004), o discurso é também entendido como efeito de sentido que se constrói no processo de interlocução, opondo-se a tradicional concepção de língua como simples transmissão de informação. Ainda segundo o glossário:

O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do que se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos (Orlandi). (BRANDÃO, 2004, p. 106).



O discurso não pode ser compreendido no sentido de estudar a lingua(gem) em si, mesmo que necessite dela para construir sua existência material. Ele vai além da linguagem materializada, perpassa a idéia material e ganha uma idéia de curso, “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...]” (ORLANDI, 2007, p. 15).

O pressuposto é de que o discurso não concebe a linguagem isolada, ele é afetado pela exterioridade, vulnerável às transformações. Conforme Fernandes (2007, p. 18) cita, “as posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares.” Essas posições diz respeito as diversas formações do sujeito discursivo, que vamos falar mais adiante.

Assim, compreendemos que a linguagem não pode ser transparente para a AD. A linguagem em questão gira em torno de como o texto produz significado a partir do contexto social.

Nesse sentido, é na exterioridade que encontramos o(s) sentido(s) do texto, ou seja, a partir dos discursos vigentes da sociedade é que construímos a exterioridade discursiva do objeto. Para assegurar essa idéia, concordamos que a AD:

[...] considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2007, p. 16).

O estudo analítico do discurso considera necessariamente a marca da exterioridade discursiva, para compreendermos os aspectos sociais dos quais se pretende construir as relações entre os textos/os discursos, e relacionarmos às ideologias predominantes no espaço social.

Fernandes (2007) reitera a ideologia materializada no discurso, que, por conseguinte, se materializa pela linguagem na forma de texto. É importante falar que o sentido da palavra, na AD, não se constitui no seu sentido literal, mas é construído por meio do sentido político e ideológico que se inscreve na história. A partir do texto e de sua situação externa são edificadas as condições de discurso, sem deixar de lado a qualidade particular e natureza específica dele.

Ao mesmo tempo, o discurso não pode ser visto como uma liberdade em ato, sem condicionantes linguísticos ou aspectos históricos, como se não fosse sujeito a falhas. Devido a uma preocupação relacionada ao enfoque do discurso, Foucault (1979 apud BRANDÃO,



2004, p. 36) estabelece algumas medidas para demonstrar que a sua preocupação não consiste no discurso enquanto problema linguístico. A respeito disso, apresentamos os itens abaixo:

a) a concepção do discurso considerado como prática que provém da formação dos saberes, e a necessidade, sobre a qual insiste obsessivamente, de sua articulação com as outras não-discursivas;

[...]

d) A concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico: o discurso não pode mais ser analisado simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas como jogo estratégico de ação e de reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta;

e) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder. (BRANDÃO, 2004, p. 37).

Brandão (2004) cita itens da letra “a” à “f”, mas aqui são apresentados os que mais se referem a concepção de discurso. No item “a”, tal concepção não condiz com o discurso corriqueiro, ou o discurso comum do ato de discursar. Mas, faz alusão ao discurso que passa a ser uma prática discursiva e teórica, que procede de saberes sociais e das formações discursivas articuladas com as não-discursivas.

O item “d” apresenta a concepção de discurso que distancia-se do seu aspecto puramente linguístico, para ser tratado como espaço de “debates” e reformulação de questões a respeito de diversos assuntos da ordem social.

Enquanto o item “e” direciona a quem utiliza o poder da linguagem, ou seja, aquele que reproduz o discurso em determinadas instâncias sociais (posição específica) que lhe garante poder, este reproduz um saber institucional. Desde já, compreendemos que o discurso é o lugar de articulação entre saber e poder, possibilitando o usuário tomar uma posição de destaque na sociedade, conforme a sua área de conhecimento. Então, o texto é apenas o foco para muitos discursos que remetem à sua materialidade discursiva e histórica.

Diante do que foi explicitado, entendemos que a concepção de discurso se constitui a partir de um caráter polêmico e conflituoso, a respeito das posições sobre o mesmo discurso. Pois, quem enuncia marca a sua posição no discurso, fala de um determinado lugar que lhe garante certo reconhecimento, e poder naquilo que se diz. E, cada dizer tem a sua peculiaridade, porque quem diz não fala da mesma maneira que o outro, ou seja, a posição se diverge formando o espaço de conflito.

Interdiscurso

As condições de produção do discurso estão fundamentalmente ligadas ao sujeito e à situação em que o discurso é construído. A memória discursiva é uma extensão do discurso que vem a ser o interdiscurso.

Orlandi (2007, p. 31) entende a memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” O termo memória remete a algo que já existe antes, o saber de alguma época que sofreu alterações no decorrer da história, que modificou a sua ideologia, mas não está na superficialidade do texto.

O interdiscurso modifica o que o sujeito significa, ou seja, o que já foi dito sobre o mesmo assunto influencia na formação do sujeito, não há o discurso individual, mas se mantém o discurso descentralizado característica do interdiscurso.

Por uma questão de distinguir, aqui registramos a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso que consiste no que já foi dito e o que está se dizendo. Vemos que a diferença é marcada a partir do eixo de constituição. Tomando como base as ideias de Courtine, a autora tece as seguintes orientações:

[...] considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2007, p. 32-33).

Assim, a historicidade é constituída desde outrora, apenas são alicerçadas as condições de produção dos dizeres já ditos, caracterizando o(a) interdiscurso/memória discursiva. Já o intradiscurso corresponde ao que está sendo dito no momento presente, é menos extensivo, porque o prefixo “intra” formula a idéia de internalidade, ou seja, o discurso interno.

Orlandi (2008) afirma que existe uma relação do interdiscurso com o intertexto que precisa ser diferenciada. O interdiscurso tem a memória afetada pelo anonimato, ou seja, quem fala é a voz sem nome, a fim de que haja outras possibilidades de dizeres. Ambos estudam a noção de sentido, o intertexto, a relação entre textos, mas não constitui o esquecimento estruturante, enquanto no interdiscurso a memória é afetada pelo esquecimento.

O esquecimento estruturante é apresentado por Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2007, p. 35) através de duas formas: “O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação:



ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro.” Esse tipo de esquecimento é parcial, nos dá a impressão da realidade do pensamento chamada de ilusão referencial, é como se não existisse outra forma de dizer, porque não está na sintaxe do enunciado, mas é construído nas formas parafrásticas.

O esquecimento número um é ideológico, consiste no modo como somos afetados pela ideologia. O dizer já existe, apenas reformulamos os sentidos, não somos o primeiro a dizer, embora a língua e a história nos afetem de forma particular. O discurso se realiza em nós por meio da materialidade, seu esquecimento é estruturante porque faz parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos que eles representam. Os tipos de esquecimentos que Pêcheux distinguiu não são defeitos, mas fazem parte da linguagem no sentido de que o sujeito e a produção de sentido se reformulem em outros dizeres. Assim, esses dizeres que são retomados como memória do discurso, atuam como veículo transportador da ideologia, decorrente em um determinado espaço sócioideológico.

Nessa circunstância, fica comprovado que o discurso é o campo de estudo propício para se trabalhar a língua e a ideologia, e o interdiscurso “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2007, p. 33). É o não-dito na forma do dizível retomado como memória discursiva. Assim, para estabelecermos a relação entre o discurso e as formações discursivas, a seguir apresentamos uma abordagem sobre elas (FDs) e as formações ideológicas (FI) na AD.

Formação discursiva e formação ideológica

A formação discursiva (FD) assume uma posição fundamental na relação língua e discurso. À toda FD já existe a idéia de discurso, e, portanto, a sua estrutura se dá a partir desses dois mecanismos: língua e discurso voltados para o contexto social.

Nesse contexto, o “falante de uma língua natural, desenvolve-se, intelectualmente, num ambiente e recebe destes, em seus aspectos sociais, históricos [...] sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo.” (DANTAS, 2007, p. 52). A citação demonstra a importância do conhecimento natural adquirido na formação do falante que, a priori, se caracteriza por região. Tal conhecimento é que faz surgir os discursos heterogêneos nos universos culturais, um campo aberto à diversidade de FDs.



De acordo com Brandão (2004), existem dois tipos de construções fundamentais para a noção de FD: a paráfrase, e o pré-construído. Logo, enfatizamos o pré-construído, pois se constitui ponto de articulação entre a teoria de discurso e a linguística. Essa construção remete ao que foi dito antes ou depois do que foi exposto no enunciado. O termo introduz a formulação de que:

O pré-construído remete assim às evidências das quais o sujeito dá a conhecer os objetos de seu discurso: 'o que cada um sabe' e simultaneamente 'o que cada um pode ver' em uma situação dada. Isso equivale a dizer que se constitui, no seio de uma FD, um Sujeito Universal que garante 'o que cada um conhece, pode ver ou compreender' (BRANDÃO, 2004, p. 49).

Desse modo, o pré-construído é assimilado pelo enunciador. De acordo com Brandão (2004), entendemos que o enunciador é a figura da enunciação cujo ponto de vista é apresentado pelo locutor, ora identificando-se com ele, ora distanciando-se dele. Sendo que, para a AD, o que vem à tona são os discursos decorrentes, e não necessariamente o ponto de vista do enunciador individualizado. Consideramos que é o pré-discurso/pré-construído quem determina o que pode ou não ser dito na FD. Assim, ele é a matéria ideológica de representação do mundo real, a qual compete ao enunciador apenas identificar.

A FD é constituída em seu interior por outras FDs, e cada um usa o dizer diferente dos outros, formando muitas linguagens sobre uma única. É a FD quem dá a possibilidade de um sujeito em uma determinada posição social se colocar na ordem do dizer, de expor suas idéias e posicionamentos acerca dos discursos diversos. A respeito disso, a estudiosa toma como apoio a afirmação de Courtine e Marandin (1981 apud BRANDÃO, 2004, p. 49-50), que diz:

Uma FD é, portanto, heterogênea a ela própria: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de forma definitiva, separando um exterior e um interior, mas se inscreve entre diversas FDs como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica.

Esse princípio de heterogeneidade permite a FD abrir caminhos para a contradição, através de críticas e reformulações a respeito da ideologia. Nesse sentido, o dizer na FD não está acabado, e mesmo que se tente estabelecer uma unidade entre os discursos sempre haverá contradições ideológicas no interior das FDs.

Brandão (2004, p. 50) argumenta que “cabe à AD trabalhar seu objeto (o discurso) inscrevendo na relação da língua com a história, buscando na materialidade linguística as marcas das contradições ideológicas.”

Esse posicionamento coincide com a citação de Foucault (1986 apud BRANDÃO, 2004, p. 50-51): “analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições: é mostrar o jogo que jogam entre si; é manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhe uma fugidia aparência.” Nesse sentido, o discurso é dinâmico porque foge à natureza de um só dizer, ele está sujeito a mudar de aparência no interior e no desenrolar da discursividade.

Para descobrirmos se o discurso pertence ou não a uma mesma FD, é necessário definir a sua posição no sistema de dispersão. Caso tenha semelhança entre as formas de repartição do discurso e se apresentarem de forma regular, estas descrições implicam que o discurso faz parte da mesma FD. Tal questão, Dantas (2007, p. 53) também interpreta com o mesmo sentido, quando diz que “os sistemas culturais de cada falante caracterizam-se discursivamente como formações discursivas, que não se caracterizam como um bloco homogêneo, mas como uma região suscetível de conflitos, indefinições, transformações.”

Nesse sentido, as FDs atuam como efeito de regionalizações do interdiscurso, que se relacionam de forma específica. Assim, o sentido político de uma palavra relacionada à outra em condições de produção diferentes constitui o interdiscurso, objetivando a articulação de FDs de acordo com sua materialidade.

O sentido das palavras no texto leva à necessidade de compreensão da metáfora na AD. Segundo a autora que considera a interpretação de Lacan (1966 apud ORLANDI, 2007, p. 44), a metáfora na AD é “definida como a tomada de uma palavra por outra [...] ela significa ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam.” Essa interpretação leva a conclusão de que as palavras não estão submetidas a sua literalidade.

A mesma palavra pode “migrar” de sentido conforme a condição do discurso histórico, e de qual posição social o sujeito discursivo fala e, ao mesmo tempo, se dispersa em relação a outras FDs. Ou seja, “[...] as palavras significam de modo tão diferenciado, conforme o universo discursivo a que ela pertença” (DANTAS, 2007, p. 66-67). Dessa maneira, apresentamos a seguinte conceituação de FD:

Refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada



enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica (FERNANDES, 2007, p. 64).

A citação se refere ao desencadeamento de FDs no contexto social, que estão sempre submetidas às ideologias vigentes de uma época.

Para falarmos das formações ideológicas (FI), a princípio, enfatizamos o entendimento de sujeito na sociedade capitalista, que dá forma ao sujeito de direito. Desse modo, trata-se do sujeito do capitalismo que é “determinado por condições externas e autônomas (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres” (ORLANDI, 2004, p. 45).

Assim, a formação ideológica (FI) se constitui como materialidade específica articulada ao materialismo econômico. A estrutura ideológica é um modo de produção que predomina no discurso social, é a região do materialismo histórico que se constitui como superestrutura.

Nesse sentido, a fim de construir a idéia de instância ideológica sob a influência de base econômica, Pêcheux (1975 apud BRANDÃO, 2004, p. 46) afirma, que:

O funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como ‘determinado em última instância’ pela instância econômica na medida em que ele aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente as relações de produção inerentes a esta base econômica.

A reprodução da instância ideológica leva a uma posição de assujeitamento em que o indivíduo reproduz a ideologia sem ter consciência de que está sendo submetido a ela, ou toma posse como autor para assumir um determinado lugar nas classes ou grupos sociais, que lhe garante reconhecimento e respeito na sociedade.

Essa ideia constituída por Althusser é chamada de AIE (Aparelho Ideológico do Estado), em que os aparelhos ideológicos e as relações de classes se caracterizam por confrontar suas posições políticas e ideológicas, para criar as relações entre si de parcerias, oposição e de dominação. Assim, Brandão (2004) diz que as formações ideológicas são constituídas por essa organização de posições políticas e ideológicas.

Considerando o que foi dito, a FI consiste no “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166 apud FERNANDES, 2007, p. 65).



O discurso e a ideologia caminham juntos, consistindo na materialidade ideológica, conforme a autora apresenta:

Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. (BRANDÃO, 2004, p. 47).

Em outras palavras, os grupos e as classes são os reconstrutores de formações discursivas, que utilizam o aspecto ideológico específico para determinar suas posições de discurso na conjuntura social, seja reformulando, podendo, ou mantendo o que é dito.

Portanto, entendemos que no interior das FDs e das FI sempre existe o sujeito discursivo que fala, se constituindo em estrutura fundamental para os alicerces dos discursos. Vamos tratar no próximo tópico da constituição do sujeito discursivo de acordo com a AD.

Sujeito discursivo

O sujeito discursivo é constituído por diferentes vozes sociais, ou seja, o sujeito não é homogêneo, e se inscreve em diferentes formações discursivas e ideológicas, dependendo delas para formar a sua conceituação.

Assim, comparando o sujeito discursivo com o sujeito estudado na Linguística Geral (LG), vemos que não se trata do mesmo. De acordo com Fernandes (2007), o sujeito da LG pode ser concebido na forma de sujeito idealizado, e de sujeito falante apreendido por circunstâncias, contexto histórico.

Conforme o estudioso apresenta, a concepção discursiva de sujeito não se constitui em um espaço isolado, porque não se trata de um sujeito indivíduo:

[...] o sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido pelo coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (FERNANDES, 2007, p. 33)

Aqui, o sujeito não se apresenta individualizado, ele é contextual, e, ao mesmo tempo, é fruto da interação das vozes que emanam na sociedade. É o saber discursivo que faz parte da realidade social. Ou seja:



o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo [...]. (FERNANDES, 2007, p. 38).

A partir dessa ideia, trazemos a mesma conclusão de Bakhtin (1992 apud FERNANDES, 2007, p. 38), “a constatação de que o sujeito é polifônico”, que se constitui pelas diferentes vozes que surgem em diferentes meios sociais e nos discursos, dando forma ao sujeito discursivo. Assim, a presença dessas vozes é constituída graças à polifonia (composição da palavra: poli = muitos; fonia = vozes).

Nesse contexto, compreendemos que o sujeito não se apresenta pronto, mas é resultante de um sistema complexo, que só existe no âmbito discursivo pela relação entre o “eu” e o “outro”, mantendo-se descentralizado. Assim, a identidade do sujeito discursivo não é fixa, sua construção se dá de maneira ininterrupta, devido ao entrecruzamento de diversos discursos que, tanto se negam, como também, entram em contradição resultando no campo aberto às mudanças. Para enfatizar a constituição da subjetividade e heterogeneidade discursiva, a seguir, trabalhamos com tais elementos essenciais para a construção do sujeito discursivo.

A subjetividade e heterogeneidade discursiva

A partir do reconhecimento de que o sujeito é polifônico, e se apresenta nas estruturas textuais, temos a noção de heterogeneidade discursiva, que se constitui em oposição à homogeneidade, formando-se estruturas de elementos diversos.

Conforme Fernandes (2007, p. 42), “a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade.” Isso mostra que o sujeito necessita do campo social para se ramificar na sociedade. E, que esse espaço é diversificado por meio dos olhares, ou seja, a opinião formada do enunciador representa, nos diferentes discursos, as posições das classes sociais e instituições.

A heterogeneidade do sujeito discursivo é construída através da subjetividade de muitas vozes sociais, “é assim estruturada no acontecimento do discurso. [...] o acontecimento

significante que é o discurso tem como lugar fundamental a subjetividade” (ORLANDI, 2008, p. 99).

A subjetividade nos permite analisar as posições de sujeito dadas no discurso. O sujeito na AD é posição de discurso entre outras, que se projeta a partir do lugar (no mundo) determinado para se constituir em posição-sujeito (discursivo).

Nesse sentido, não temos um sujeito único, mas o sujeito tem o sentido pluralizado, que se deixa modelar devido a sua acessibilidade. Assim, Authier Revuz (1998 apud FERNANDES, 2007, p. 44) argumenta a respeito da heterogeneidade discursiva, que:

reitera o caráter polifônico do sujeito discursivo e ainda chama a atenção para o descentramento do sujeito: um ‘eu’ implica outros ‘eus’ e o outro apresenta-se como uma condição constitutiva do discurso do sujeito, afinal, um discurso constitui-se de outros discursos e sofre (trans)formações na história.

A citação demonstra que o sujeito perdeu o pólo centrado no *eu*, e no *tu* (referência à teoria da enunciação), para constituir outra identidade em que se preocupa com o *nós* (múltiplas vozes) do sujeito de discurso. Portanto, o sujeito de discurso se constitui em comunhão com o outro através das estruturas entrelaçadas, e pela heterogeneidade dos textos relacionada ao saber externo, o sóciodiscursivo.

Essa competência de ter muitas vozes implícitas ao texto facilita desenvolver a sua subjetividade e heterogeneidade. Fernandes (2007, p. 39) apresenta duas formas de constituição da heterogeneidade: a constitutiva, “como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social”; e a mostrada em que “a voz do outro apresenta-se de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade linguística”.

De acordo com esses autores, esta segunda “inscreve o outro na sequência do discurso - discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25 apud FERNANDES, 2007, p. 41). Assim, essas vozes mostradas aqui para fundamentar a teoria da AD são exemplos de heterogeneidade mostrada. As vozes constitutivas são as informações que dependem do exterior discursivo.

Nesse contexto, nos dois tipos de heterogeneidade, o sujeito que fala tem a ilusão de que a exterioridade está no interior do sujeito, por isso pensa ser o primeiro a falar de tal maneira, quando na verdade o dizer já existe apenas mudou a “roupa”, enquanto o conteúdo é o mesmo.

Posições-sujeito

A enunciação discursiva é marcada por muitas posições do sujeito que surgem nas formações discursivas. As FDs determinam a posição do sujeito afetado pela ideologia, esta interpela o indivíduo em sujeito, submetendo-se à língua, e, ao mesmo tempo, significando-se através do simbólico na história. Assim, recorreremos às noções de discurso, a fim de relacionar os princípios que norteiam a constituição do sujeito e suas posições discursivas.

Sabemos que a noção de discurso na AD surge a partir de uma reconfiguração das ciências humanas e sociais: do marxismo, que garante a não-transparência da história; da psicanálise, que assegura a não-transparência do sujeito; e da linguística, pois afirma a não-transparência da língua. Esses princípios asseguram que a constituição do sujeito se desenvolve graças à subjetividade em um determinado contexto social. Ou seja, o contexto social é a situação empírica que se traduz em posição-sujeito, mostrando que o sujeito e o sentido são estruturas constituídas simultaneamente, através da linguagem e da história, dando espaço ao imaginário e o ideológico.

Segundo Orlandi (2008), este sujeito não se constitui de forma homogênea, porque a “ideologia não é uma máquina lógica” desprezível de contradições. As posições do sujeito apresentam seus reflexos socioideológicos.

Neste caso, ao selecionarmos textos para a análise de dados, a atenção é voltada para a função do sujeito que se pretende desenvolver no discurso. Assim, podemos desenvolver a função do sujeito autor, que Foucault (1971 apud ORLANDI, 2008, p. 77) apresenta de acordo com o “princípio da autoria”, estabelecendo os seguintes termos: “[...] o autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. O autor está na base da coerência do discurso.” O autor nessa questão não é o autor específico, mas o modo pelo qual a função-autor se constitui enquanto produtor de linguagem. Portanto, o que é dito acima, implica dizer que o sujeito é determinado pelo contexto sociohistórico.

Orlandi (2008) diz que o sujeito assume funções “hierarquizadas”, que resultam no apagamento do sujeito, devido às muitas possibilidades de transmutação do sujeito em diversas formas e funções. A partir do momento em que esse sujeito entra em contato com o social, ele deixa de se apresentar como um “eu” que fala, perde sua individualidade, e passa a ser caracterizado por discursos variados.



Nessa perspectiva, Pêcheux (1971) enfatiza a questão da forma-sujeito, o sujeito afetado pela ideologia, que pensa ser a fonte do que diz. Nesse sentido, o sujeito de discurso se desenvolve na AD de linha francesa direcionado a uma perspectiva analítica da forma-sujeito, que correspondente ao sujeito do capitalismo. A forma-sujeito imputa autonomia e responsabilidade, e se define como sujeito-jurídico:

Tem direitos e deveres. Particularmente, em sua relação com a linguagem, esse sujeito é capaz de ‘uma liberdade sem limite e uma submissão sem falhas’ (Haroche, 1984), ele pode criar qualquer coisa, contando que respeite rigorosamente as regras da linguagem. (ORLANDI, 2008, p. 78).

A noção de sujeito-jurídico é de Haroche, e corresponde às novas posições de sujeito afetadas por um sistema econômico que redimensiona o discurso social, porque relaciona o fazer discursivo a posições de classes que, apresentando uma linguagem coerente, determinam os discursos vigentes.

De acordo com as informações apresentadas, os objetos a serem analisados servem de contribuição para este trabalho, fundamentado na análise de discurso francesa. Trata-se de uma teoria que não esgota seu campo disciplinar, principalmente porque o discurso sempre apresenta mesclas de outros discursos, acarretando na diversidade de posições discursivas.

Gênero discursivo

De acordo com Machado (2005), o estudo de gêneros discursivos não se restringe à retórica, tal como a poética e a Retórica foram retratadas por Aristóteles, que consolidou a literatura de seu tempo à classificação aristotélica, com ênfase no gênero poético. A partir de Bakhtin, acontece uma mudança nos estudos de gênero discursivo, sobretudo, pela inclusão de práticas prosaicas dos diversos usos da linguagem.

Esta afirmativa refere-se à constituição das formações discursivas da comunicação mediada, processada através da comunicação de massas, e das modernas mídias digitais, próprias da contemporaneidade. Por isso, Bakhtin (1982) não faz alusão direta às mídias, mas tece formulações que convergem a tal respeito. Assim, considerando o que Machado (2005) denomina de “prosificação da cultura letrada,” apropriamo-nos dela, a fim de criar um campo de luta, para a construção do sentido; uma “arena” discursiva em que o discurso se instaura nos códigos culturais emergentes.

Desse modo, os gêneros possuem uma existência cultural, a ponto de Machado (2005, p. 158) chamar de “O grande tempo da cultura”, ou seja, o que mais dissemina a produção de gêneros, demonstrando que a concepção dialógica do tempo e das culturas determina esta época vigente. Tal afirmativa pode ser comprovada na citação abaixo:

O Gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como “memória criativa” onde estão depositadas não só as grandes conquistas das civilizações, como também as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço. (MACHADO, 2005, p. 159).

Esta afirmativa comprova que o gênero se instaura na cultura, através do que Machado denomina de “memória criativa,” que pode ser entendida para AD como uma espécie de memória discursiva, onde encontramos os discursos dos grandes homens por meio do tempo cronológico. Portanto, a cultura é um vasto campo afetado pela temporalidade.

Compreendemos que a experiência e representação da cultura, por exemplo, a arte, se constitui a partir de sua existência no tempo e no espaço. Assim, Bakhtin (1982 apud MACHADO 2005, p. 159) afirma que “o gênero vive do presente, mas recorda o seu passado, o seu começo”. Ou ainda, pode ser prolongado através de apontamentos para o futuro. De certa forma, isto tem relação com as condições do discurso analisado na AD, pois o gênero é selecionado para análise no seu tempo presente, para ser tratado de acordo com os contextos sociais para o qual o enunciador remete o seu olhar (discurso). A partir desse olhar, surgem os diversos “discursos alheios”.

Assim, Bakhtin (1982 apud MACHADO, 2010, p. 162) afirma que “o discurso alheio possui uma expressividade dupla: a própria, que é precisamente a alheia, e a expressividade do enunciado que acolhe o discurso alheio”.

Com Bakhtin (1982), os gêneros dos discursos são apresentados em duas amplas esferas: os dito primários (da comunicação cotidiana); e os gêneros discursivos secundários, representados por aqueles produzidos através de códigos culturais, próprio da escrita contemporânea. Este último, por exemplo, constitui o romance, os ensaios filosóficos, os gêneros jornalísticos etc. Eles são formulados a partir de uma área de conhecimento, tais como: a arte, a política etc. E, ainda podem sofrer mobilidade, ou seja, um gênero da esfera cotidiana entrar em contato, por exemplo, com um da esfera das ciências humanas.

Neste trabalho, selecionamos textos opinativos da esfera jornalística, tratamos de textos adquiridos no jornal de circulação social, o jornal online, e a revista eletrônica.

Portanto, selecionamos textos que circulam na comunicação midiática, que apresentam assuntos relacionados à cultura. Apresentamos uma abordagem de leitura focalizando, especificamente, a posição-sujeito no contexto cultural.

METODOLOGIA

Esta análise se constitui a partir de textos opinativos selecionados em suportes sociais: o jornal de circulação social, o jornal online, e a revista eletrônica, a fim de que sejam analisados de acordo com o entendimento do que vem a ser o sujeito discursivo, e quais suas posições no contexto social. Assim, selecionamos o seguinte *corpus* de análise que chamamos de texto I, II e III respectivamente: “No palco com Clarice”, de Paulo Gadelha; “No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens” de Lucas Neves; e o texto “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, de Maurício Alcântara.

O procedimento metodológico usado, em função dos objetivos e do *corpus* analisado, consiste na análise interpretativa, logo de natureza qualitativa, uma vez que trabalhamos com dados de teor subjetivo implicados no dizer discursivos de sujeitos de discurso. Assim, pretendemos aplicar as noções da Análise de Discurso (AD) francesa, principalmente no que se refere à constituição do sentido a partir da posição-sujeito no discurso.

Nesse sentido, a análise de dados focaliza a constituição da forma-sujeito que se inscreve na história. Ou seja, o significado das palavras não se inscreve nelas mesmas, mas derivam dos sentidos expressos nas formações discursivas que, por sua vez, têm caráter de formação ideológica. Desse modo, pretendemos analisar os aspectos principais para a constituição do sujeito: como se constroem as posições-sujeito dos enunciadores; a Clarice

Lispector sob o olhar desses enunciadores, a atriz e a escritora: diálogo confronto sob o efeito da formação de sentido.

Nesse contexto, o aporte teórico é constituído com fundamentação teórica em Brandão (2004), Mussalim (2006), Orlandi (2007), Fernandes (2007), Dantas (2007) etc. Com o intuito de assegurar o que é dito no processo analítico dos textos. Atentamos ainda, para o entendimento do gênero discursivo segundo Bakhtin. Para tanto, apropriamo-nos de apontamento teórico em Machado (2005), que considera de acordo com o pioneirismo de Bakhtin (1982), o estudo de gênero discursivo do ponto de vista do dialogismo. Sob o efeito de uma cultura letrada, o contexto social das esferas de uso da linguagem se constitui numa relação do que se entende por esfera prosaica, constituídas por textos da prosa moderna.

ANÁLISE DOS DADOS

A Posição-Sujeito se constitui a partir do contato com o meio social, em que o sujeito passa a ser tratado através do contexto histórico existente em cada Formação Discursiva (FD). Portanto, o sujeito deixa de ser um “eu” que fala, o que implica na perda de sua individualidade, e, passa a ser tratado como um sujeito histórico, afetado pela ideologia, que se constitui na forma-sujeito segundo a AD.

Texto I – No palco com Clarice



Paulo Gadelha

pgadelha@trf5.jus.br

No palco com Clarice

Acredito que o leitor e a leitora já perceberam, faz tempo, o meu respeito e a minha admiração pelo legado literário de Clarice Lispector.

A ucraniana, com alma e sensibilidade brasileiras, é, indiscutivelmente, um dos melhores textos da nossa prosa.

Agora, em São Paulo, no Teatro Renaissance, eu vi o monólogo - "Simplesmente eu, Clarice Lispector" - com direção e interpretação de Beth Goulart, cada vez mais brilhante no palco.

A peça é, sem dúvida, a leitura cênica de obras escritas por Clarice Lispector, fragmentos de suas produções literárias como "Perto do coração selvagem", "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres", bem como os inesquecíveis contos "Amor" e "Perdoando Deus".

Na apresentação do texto, Beth Goulart observa, com muita propriedade, citando o crítico literário Harold Bloom, que não existe literatura, só autobiografia.

Por isso, a intérprete acentua que "o espetáculo



“

O QUE EU SINTO EU NÃO AJO.
 O QUE AJO NÃO PENSO.
 O QUE PENSO NÃO SINTO.
 DO QUE SEI SOU IGNORANTE.
 DO QUE SINTO NÃO IGNORO.
 NÃO ME ENTENDO
 E AJO COMO SE
 ME ENTENDESSE

”

mostra a trajetória dessa mulher em direção ao entendimento do amor".

De fato, o universo literário de Clarice Lispector é sofrida, angustiante, porém verdadeira viagem ao mundo das emoções.

Ela busca, com engenho e arte, investigar o porquê das inquietações interiores.

Faz, assim, da arte de escrever, uma espécie de psicologia da cultura.

Dai, pois, o discurso da cena, como uma saída para o dilema da vida.

No teatro, o público lê Clarice Lispector, no desempenho magistral de Beth Goulart.

Com certeza, aqui, a arte não imita a vida. Aqui, a vida é uma arte.

Como pensava Clarice Lispector.

Aliás, insista-se, na encenação, Clarice Lispector ensina como buscar alternativas para a vida.

Como ela doutrinou nos seus livros.

Paulo Gadelha é desembargador do TRF da 5ª Região



O texto I é um texto jornalístico opinativo que se encontra na coluna de opinião do jornal Correio da Paraíba. A expressão “Opinião” no recanto superior à direita no texto, já introduz a ideia de que os textos ali publicados são de opinião.

Conforme percebemos no texto, o enunciador é desembargador do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, ou seja, esta é a posição discursiva que ele ocupa de acordo com a sua formação acadêmica, que consiste no discurso jurídico. No entanto, aqui o enunciador não fala do aparelho ideológico jurídico, mas apropria-se de uma cultura da arte teatral, para falar de um lugar social dado, a coluna do jornal Correio da Paraíba. Tal lugar se constitui ponto de partida para a materialidade do discurso, de que o artigo trata, e do qual o público/leitor tem contato através do jornal.

Assim, considerando as marcas discursivas no texto, notamos que o enunciador, de início, assume duas posições que se conjugam: como crítico da arte literária (dramaturgia), assim se coloca o enunciador, há uma leitura do trabalho de Beth Goulart; e, ao mesmo tempo, o enunciador é crítico e admirador da escritora Clarice Lispector. Esta passagem do texto comprova tais posições-sujeito: *“o leitor e a leitora já perceberam, faz tempo, meu respeito e a minha admiração pelo legado literário de Clarice Lispector”*. Ou seja, já faz tempo que o enunciador se constitui leitor da escritora, tal característica é determinante para a construção do sujeito discursivo.

Além disso, na expressão *“legado literário de Clarice Lispector”* está implícita uma informação de que a escritora se constitui uma mulher intelectual da arte literária, pioneira na sua época com seu impulso criador, traz uma visão intimista de mundo, representando ao mesmo tempo, uma cultura letrada, da qual o enunciador se apropria com o intuito de partilhar do conhecimento adquirido, revelando o seu olhar sobre a peça.

Logo, o contexto histórico se insere numa formação discursiva (ou em mais de uma): o discurso que o enunciador constrói para valorizar a arte; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco. Com efeito, a posição que o enunciador assume é considerável, devido às leituras de obras que ele (o enunciador) já conhece antes de ter assistido à peça, esta informação é constituída graças ao pré-construído.

Desde o título, a posição-sujeito chama atenção do leitor para aproximar-se da escritora: *“No palco com Clarice”*. Afinal, a intérprete incorpora a pessoa da escritora, criando uma mimese dela. No artigo, a(s) posição(ões) do sujeito gera(m) uma espécie de diálogo com o título, para fazer jus da apresentação da peça. Desse modo, o enunciador dialoga com o



título sob prisma diferente: na posição de crítico dramaturgo, como espectador da peça, nas posições de admirador e de leitor da escritora.

A passagem a seguir dá margem a outra ideia de aproximação para com o público/leitor, por exemplo: *“Clarice Lispector ensina como buscar alternativas para a vida. Como ela doutrinou nos seus livros”*. Aqui, identificamos um não-dito, a ideia de que o enunciador convida o público/leitor a ler as obras da escritora *“como uma saída para o dilema da vida”*.

Diante de tais interpretações, percebemos que há neste artigo uma formação discursiva dominante, pois existe uma posição de sujeito dominante que se instaura na construção do sujeito histórico. Ou seja, a FD consiste no discurso do enunciador em relação à escritora e à peça através de contextos diversificados, e a posição-sujeito é constituída positivamente no lugar social (mais de um) do qual se constitui o sujeito no discurso.

Texto II – No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens

20/09/2009 - 08h30

“No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens

LUCAS NEVES
da Folha de S.Paulo

Clarice Lispector (1920-1977) dizia que “escrever não é inventar, mas correr o risco de encontrar a realidade”. Limitando-se a trocar o primeiro verbo por “atuar”, Beth Goulart, 48, segue o conselho de forma exemplar no monólogo “Simplesmente Eu - Clarice Lispector”, em cartaz no Rio.

Em uma hora, a atriz apresenta uma tradução cênica para o que, aos olhos da escritora, é o real: aqueles instantes de suspensão em que, na surdina e sob um disfarce prosaico (animal, planta ou um cego mascarando chiclete), abrindo fendas na modorra da rotina, a vida irrompe _monumental, desconhecida, temerária e onírica.

Entre o fascínio e a repulsa suscitados pelas epifanias, no limiar do estado de graça e do horror trazidos pela descoberta do mundo, quatro personagens sacadas de contos, crônicas e romances da autora se equilibram, em cena, com a figura da escritora ela mesma.

As falas desta são pinçadas de entrevistas, depoimentos e cartas da Clarice real, que dão pistas sobre seu sentimento de culpa pela morte da mãe, a relação com Deus, a personalidade reservada e a devoção às letras.

Lenise Pinheiro/Folha Imagem/Reprodução



A atriz Beth Goulart, em "Simplesmente Eu – Clarice Lispector", e a escritora, em foto de meados da década 1960

"Escolhi personagens que, de certa maneira, têm relação com algumas fases da vida da Clarice", diz Beth, também autora e diretora do espetáculo, que assim justifica as escalificações: "A Joana [de 'Perto do Coração Selvagem'] representa o impulso criativo, até um pouco adolescente. A Ana [do conto 'Amor'], dona-de-casa dedicada aos filhos e ao marido, lembra o momento 'família' dela, casada com o [diplomata] Maury Gurgel Valente e mãe de Pedro e Paulo. A Lóri [de 'Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres'] incorpora a importância do amor, do encontro amoroso. E a mulher anônima [da crônica 'Perdoando Deus'] ecoa um pouco o lado racional e bem humorado da Clarice, sua sagacidade."

Segundo a atriz, o ir-e-vir da montagem entre criadora e criaturas busca explicitar a forma como "a personalidade de Clarice" contamina sua obra: "O interessante é que sua escrita traz a voz do personagem, a dela como autora e ainda uma terceira, de interpretação, reflexão crítica sobre o que está sendo dito. Desse jeito, consegue tratar bem do mistério feminino, dessa qualidade de sermos quatro por mês, de sermos muitas numa só".

A criação do espetáculo consumiu dois anos de pesquisa e mais seis meses de preparação de corpo e voz.

Conhecida pelo rigor que emprega na composição gestual de personagens, Beth encarna aqui uma Clarice de erres salientes (cortesia da língua presa, não da origem ucraniana, como acreditam alguns), olhares fugidios e que roça polegar e anelar enquanto fuma.

A precisão não a impede de transcender a mimese, ir além do virtuosismo da "incorporação mediúnica" pura e simples. No palco, Beth é Clarice, suas personagens e um pouco ela própria. A escritora afirmava se sentir pobre por "só ter corpo e alma" e precisar "de muito mais". Corpo e alma bastam para fazer a fortuna de Beth neste "Simplesmente Eu", que deve chegar a São Paulo em 2010."

Acesso em 09.08.2011

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626136.shtml>.



Consideramos as marcas de gênero discursivo para dizer que o texto II, “No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens,” é um texto opinativo, que revela o olhar de Lucas Neves (editor assistente da ilustrada) em relação ao trabalho da atriz Beth Goulart. Nesse sentido, a posição-sujeito se constitui a partir desse olhar, do enunciador que se constitui espectador da peça “Simplesmente eu”, na forma de construção de sentido que se instaura no discurso. Aqui, o enunciador fala de um suporte social da comunicação midiática, o jornal Folha de S. Paulo online, que se constitui no espaço de trabalho deste enunciador.

A posição-sujeito é construída a partir do desempenho da atriz Beth Goulart, que assume a pessoa de Lispector e suas personagens, tal como diz o título. Demonstrando, assim, que além de atriz de novela, Beth Goulart trabalha no palco de teatro encenando personagens da ficção literária.

A princípio, notamos os seguintes discursos: o de destacar o trabalho da atriz configurando algumas passagens da peça, por exemplo, o discurso de uma mulher, falando de outra mulher ou de outras mulheres que, inevitavelmente, funde-se numa só, a fim de expressar uma arte universal, direcionada a quaisquer classes social ou identidades de gêneros.

O enunciador apropria-se da subjetividade quando diz “*Segundo a atriz*”, para construir na materialidade do texto, a posição da atriz em relação à montagem da peça, e como se estruturam as vozes durante a apresentação, ora a voz dos personagens, ora a voz da escritora, ora uma terceira voz reflexiva. Apesar de ser um monólogo, há três vozes que atuam sob uma mesma voz, as citadas acima e a da intérprete, que dá vida à escritora e aos personagens de suas obras. Assim, diz a atriz, que é autora e diretora do espetáculo: “*Escolhi personagens que, de certa maneira, têm relação com algumas fases da vida da Clarice*”. Essas escalasções de personagens se constituem na diversidade de vozes: a de Joana, do romance *Perto do Coração Selvagem*, que representa o impulso criativo; a de Ana, do conto “Amor”, a dona-de-casa, que recorda a escritora dedicada aos filhos e ao marido; a voz de Lóri, de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*; e uma voz da mulher anônima expressa na crônica “Perdoando Deus”, que remete ao lado racional e ao bom humor da escritora.

A posição-sujeito, portanto, é constituída com elogios à atriz nos seguintes termos: “*Conhecida pelo rigor que emprega na composição gestual de personagens*”; “*transcende a mimese*”; “*ir além do virtuosismo da incorporação pura e simples*”, são marcas do discurso que evidenciam o desempenho e o talento da atriz, segundo o dizer de quem diz, ou seja, do enunciador. Em outro prisma que se refere ao discurso da escritora, na informação de que a



escritora se sentia pobre por “só ter corpo e alma,” e precisar “de muito mais,” está implícito um discurso que insinua a ideia de que corpo e alma não são suficientes para atender às necessidades da pessoa humana. Pois, comparando-se com o discurso da atriz, vemos uma construção de sentido oposta à da escritora: “Corpo e alma bastam para fazer a fortuna de Goulart neste ‘Simplesmente eu’”, diz o enunciador. Assim, o enfoque construído pelo sujeito discursivo recai no trabalho da intérprete mais do que no trabalho da escritora.

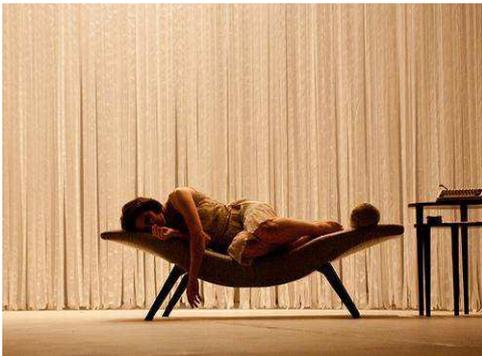
Texto III – Simplesmente eu, Clarice Lispector

“Simplesmente eu, Clarice Lispector

por Maurício Alcântara

Simplesmente eu, Beth Goulart

Essa crítica faz parte do registro do XVII Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga. [Clique aqui e confira a cobertura na íntegra.](#)



Fotos: Maurício Alcântara. [Confira também a galeria de fotos deste espetáculo.](#)

Antes da programação do festival ser iniciada, conversávamos durante o almoço no mosteiro de Guaramiranga sobre provincianismos que se manifestam nas mais diversas ocasiões, por todo o país, sempre estabelecendo relações de superioridade e admiração análogas àquelas que se dão entre colônia e metrópole (mudando sempre, caso a caso, quem é quem nessas relações). Lembrei-me imediatamente desse diálogo ao acompanhar uma orientação da produção aos policiais que estariam de plantão ao longo do evento, dizendo pra ficarem atentos “principalmente no espetáculo de estreia, com a Beth Goulart, que é uma atriz bem conhecida”. Ao final do espetáculo, a conversa vespertina é retomada por minha memória ao ver a atriz agradecendo “pela presença, pelo carinho, pelo silêncio quando possível (sic)” e dizendo “que bom que vocês têm um festival e um teatro, isso é maravilhoso, venham mais a ele, ele é de vocês”.

Entre uma conversa ouvida sem querer e os agradecimentos da atriz, houve a primeira apresentação do espetáculo (foram duas naquela noite). Em cena, a atriz dá vida a personagens, correspondências e a biografia de Clarice Lispector – ora incorporando uma caricatura da escritora, com um sotaque difícil de engolir, ora mesclando-a com seus personagens, ora assumindo uma ponto de vista da atriz para quem foi Clarice.



No entanto, ainda que seja perceptível a intenção de pluralizar os pontos de vista, somente um é realmente exposto no palco: o da atriz, que enfeita tudo o que é dito com um show de técnica (na interpretação, na cenografia, na luz, no figurino). Talvez não por coincidência, também não há pluralidade de vozes na construção do espetáculo – além de atuar no solo, Beth também o dirige e assina a dramaturgia – a partir de sua relação íntima e pessoal com a obra da escritora.



No entanto, todos os elementos vistos em cena – o que inclui o cenário, figurinos, luzes, adereços (tudo minimalista, beginho, chique) -, menos do que remeter ao universo de Clarice, parecia remeter ao universo de Beth Goulart pensando em Clarice, usando a personagem para construir uma imagem de diva que, não cabendo à Clarice representada, recai sobre a atriz mesmo que, ativa, faz uso de todos os elementos cênicos possíveis mais para marcar mudanças e transições (talvez pra não dar aquele soninho no público) do que para construir signos e conceitos que dêem conta de falar de Clarice como forma de complementação do texto dito. Assim, poderia ser qualquer outra escritora ali representada por aquela forma e por aquele registro (Clarice, Rachel de Queiroz, Simone de Beauvoir, Ana Maria Braga) – mas só conseguia ver Beth Goulart.

1 revoada de morcegos



O espetáculo foi assistido no dia 4 de setembro de 2010, às 19h, no Teatro Rachel de Queiroz, Guaramiranga-CE, como parte do XVII Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga, com entrada gratuita por meio da credencial de imprensa do festival.”

Acesso em 22.08.2011

Fonte: <http://www.bacante.com.br/critica/simplesmente-eu-clarice-lispector-2/>.

O sujeito discursivo é constituído no texto III, “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, a partir do olhar crítico do enunciador (Maurício Alcântara), a respeito da peça cujo título é o



mesmo do texto. Considerando as condições do discurso, de quem diz o quê, em qual lugar social, o site que constitui a “Bacante” é uma revista eletrônica da comunicação midiática. A escolha deste nome remete às peças teatrais de origem grega, as Bacantes de Eurípedes, por isso, a revista publica exclusivamente críticas e comentários relacionados às peças teatrais que circulam no Brasil, e algumas apresentadas no exterior, por exemplo, em Portugal.

Notamos a construção do discurso crítico expresso na materialidade textual, que representa um ponto de vista sobre a apresentação da atriz Beth Goulart. Assim, a partir desse ponto de vista de um enunciador que assume uma posição de quem “julga” a apresentação da atriz, compreendemos que o texto acima tem caráter opinativo, do qual revela movimentos de subjetividade, por meio da crítica valorizando ou crítica não valorizando.

Segundo as informações obtidas por meio eletrônico, o sujeito/autor afirma que: “Na Bacante, atuo como editor (atividade que é desenvolvida em formato colaborativo) e como crítico e fotógrafo [...]. Minha formação acadêmica é em Comunicação Social com extensão em Comunicação e Pós-Modernidade, e atualmente estou cursando Ciências Sociais”. Ou seja, o enunciador assume uma posição social que já faz parte de sua formação acadêmica, a de jornalista. De acordo com o contexto social, este fala para um público/internauta, que é constituído por todos os que acessam a revista, a fim de publicar críticas sobre apresentações de peças (de acordo com as exigências da revista), e, para fazer comentários no espaço interativo da revista.

A peça “Simplesmente eu” é apresentada em Guaramiranga (CE), por ocasião do XVII – Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga. Nesse contexto, o enunciador registra a peça, e publica o texto no espaço interativo. A partir desta posição de observador, é construída as demais posições do sujeito discursivo, por exemplo, a posição de espectador e de crítico, que se instaura numa formação discursiva crítica de quem(enunciador) conhece o trabalho de teatro.

Desse modo, a posição-sujeito é constituída, principalmente, através da posição do discurso crítico baseado nos seguintes diálogos que se interpelam respectivamente: o discurso das personagens de obras, o discurso da escritora por meio dos seus inscritos (correspondências e biografia), e o discurso da atriz que se apropria do dizer do outro/da escritora. Assim, a atriz se coloca na ordem do seu próprio dizer, para construir uma imagem de diva que, segundo o enunciador, recai sobre a atriz, comprovada nesta passagem: “*menos do que remeter ao universo de Clarice, parecia remeter ao universo de Beth Goulart*”



pensando em Clarice, usando a personagem para construir uma imagem de diva que, não cabendo à Clarice representada, recai sobre a atriz mesmo". Portanto, tecendo a crítica por diversas posições ideológicas, tais como, a apropriação de obras da escritora C. Lispector; a representação e interpretação da arte teatral; o assujeitamento do discurso alheio para criar uma imagem de diva. Nesse sentido, o "tecido" crítico é identificado desde então: *"Em cena, a atriz dá vida a personagens, correspondências e a biografia de Clarice Lispector – ora incorporando uma caricatura da escritora, com um sotaque difícil de engolir, ora mesclando com seus personagens, ora assumindo um ponto de vista da atriz para quem foi Clarice"*.

Estas passagens são antecedidas por um argumentador de oposição, *"no entanto"*, para entronizar uma mudança de sentido a partir do elemento discursivo que o interpela, a intérprete entra em evidência mais do que a escritora. Significa que, o sujeito discursivo diz que a atriz não obteve um bom desempenho, quando tenta imitar a voz da escritora, assim, não convenceu o enunciador/crítico de que a apresentação da atriz na abordagem desse universo clariciano, não corresponde à fidelidade dos fatos, ou seja, quem é a escritora Clarice Lispector, e como se constituem as suas obras. Desse modo, para o sujeito discursivo, a atriz Beth Goulart apareceu mais do que a pessoa de Lispector dedicada às letras. Assim, os dizeres do enunciador se configuram numa crítica fortemente marcada na materialidade discursiva, não valorizando.

A posição-sujeito construída nesse texto é a que mais se diferencia em relação aos textos I e II, uma vez que o discurso crítico é fortemente marcado em todas as posições do sujeito discursivo constituídas no texto III. Logo, o não-dito evidencia que o discurso gera um sentido negativo da apresentação de Beth Goulart, que acumula mais de uma função, conforme a passagem: *"não há pluralidade de vozes na construção do espetáculo – além de atuar no solo, Beth também o dirige e assina a dramaturgia – a partir de sua relação íntima e pessoal com a obra da escritora"*.

Desse modo, considerando a constituição do sujeito no discurso, fica evidente que o olhar em torno da peça *"Simplesmente eu"* é afetada pela exterioridade do dizer do enunciador, ou seja, os sentidos são desvelados sob a ótica de um espectador na plateia, que não é um observador qualquer, mas se constitui um enunciador que assume uma função específica, de fazer parte da cobertura deste festival em Guaramiranga (contexto histórico), enfatizando por este enunciador, o que consiste na crítica teatral, uma característica principal dos textos da revista *"Bacante"*.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o que consideramos leitura na perspectiva da AD, evidenciando o modo como lemos cada texto que constitui o *corpus*, evidenciamos a contribuição teórica que fundamenta esse modo de ler. Demonstramos o que é, realmente, interessante ao confrontar discursos sobre um mesmo acontecimento, trabalho sob óticas diferentes. O(s) sentido(s), na AD, são constituídos e promovem efeitos quando há o confronto, é na tensão que o(s) sentido(s) se constroem, fortalecem-se, ao romper, evidenciam novos modos de dizer, de pensar. O que significa para você ler, assim, esses textos?

Concluimos, levantando o que poderá estar em aberto para o desenvolvimento de novas investigações sobre a relação “formação do leitor e o compromisso com essa formação”, por aqueles que se dedicam a essa área de trabalho.

Além do tema deste trabalho, outros temas que consideramos de menos relevância se instauram na margem do discurso devido à heterogeneidade discursiva, por exemplo: “A arte é vida”, e não apenas mimese da realidade; arte como saída para os dilemas da vida; arte escrita por mulher, arte de caráter universal; os discursos do universo intimista ligados ao entendimento do amor, e, ao existencialismo, entre outros.

Entendemos que os textos analisados são propícios para relacionarmos o processo discursivo entre eles, para tratar os discursos e as formações ideológicas, que fazem parte de uma cultura letrada. Nesse sentido, este trabalho vem reforçar a importância da análise de discurso (AD) nas relações sociodiscursivas, no contexto do trabalho com o texto, passando este a ser visto sob uma nova ótica, tratando sua atividade discursiva representada pelos aspectos social e histórico, cultural, ideológico etc.

Em busca de um trabalho preocupado com a formação de leitores, consideramos ser a prática da leitura uma questão crucial, que envolve a capacidade intelectual e de formação em prática de leitura do professor de línguas, a fim de que ele seja capacitado da melhor forma, e assim, possa transmitir esse conhecimento, o de formação de leitores, com o intuito de construirmos uma sociedade mais igualitária constituída de leitores assíduos, capazes de exercer a sua competência leitora em meio à diversidade de textos que circulam na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Maurício. Simplesmente eu, Clarice Lispector. **Bacante**, São Paulo, set. 2010. Seção Críticas. Disponível em:

□ <http://www.bacante.com.br/critica/simplesmente-eu-clarice-lispector-2/> □. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do discurso – Algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: EDUFPG, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

GADELHA, Paulo. No palco com Clarice. **Correio da Paraíba**, Paraíba, ano LVII, n. 067, 10 out 2010. Folha Opinião, p. A9.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-165.

NEVES, Lucas. No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2009. Disponível em:

□ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626136.shtml> □. Acesso em: 09 ago.2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.